

NORA ROBERTS

QUARTETO DE NOIVAS ❧ I

Álbum de casamento





O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

Para Dan e Stacie.

Para Jason e Kat.

Por todos os momentos.

Seduza minha mente e terá meu corpo,
encontre minha alma e serei sua para sempre.

– ANÔNIMO

Não é apenas a afinidade que é preciosa... mas a
cumplicidade e o sentimento de intimidade nela
contidos... o fato de a própria sombra estar gravada
ali para sempre!

– ELIZABETH BARRETT BROWNING

p r ó l o g o

AOS 8 ANOS, MACKENSIE ELLIOT já havia se casado catorze vezes. Casou-se mais de uma vez com cada uma das suas três melhores amigas – fazendo papel ora da noiva, ora do noivo –, com o irmão de uma delas (sob protestos do garoto), com dois cachorros, três gatos e um coelho.

Em outros tantos matrimônios, foi dama de honra, madrinha, padrinho e até celebrante.

Nenhum desses casamentos durou mais que uma tarde, mas as separações foram sempre amigáveis. O caráter transitório do casamento não chegava a ser uma surpresa para Mac, uma vez que seus pais já tinham passado por isso duas vezes cada um – até agora.

O Casamento não era a sua brincadeira predileta, mas adorava fazer o papel de padre, pastor ou juiz de paz, ou até mesmo de rabino, depois que foi ao bar mitzvah do sobrinho da segunda mulher de seu pai.

Além do mais, gostava dos cupcakes, dos biscoitinhos decorados e da limonada que sempre eram servidos nas recepções.

Essa era a brincadeira favorita de Parker. O Casamento sempre acontecia na propriedade dos Browns, em meio àqueles enormes jardins, os belos bosques e o laguinho prateado. Nos invernos gelados de Connecticut, o casamento por vezes se dava em frente a uma das lareiras crepitantes da mansão.

As cerimônias podiam ser simples ou bem elaboradas – casamentos reais, noivos que tinham fugido para casar, com tema circense ou de navio pirata. Todas as ideias eram avaliadas a sério e votadas, e nenhum tema ou traje era considerado exagerado.

Ainda assim, com catorze casamentos no currículo, Mac já estava ficando meio cansada dessa brincadeira.

Até um certo momento decisivo.

Quando ela fez 8 anos, seu pai encantador e quase sempre ausente enviou-lhe de presente uma câmera Nikon. Mac nunca manifestara qualquer interesse por fotografia, então, no início, deixou a câmera de lado, junto com outros presentes esquisitos que o pai lhe dera ou enviara desde o di-

vórcio. Mas a mãe de Mac comentou sobre o presente com a mãe *dela*, e a avó resmungou, censurando aquele “irresponsável e inútil do Geoffrey Elliot” e sua falta de bom senso ao dar uma câmera de adulto para uma menininha que com certeza ia gostar mais de ganhar uma Barbie.

Como, por princípio, sempre discordava da avó, Mac acabou se interessando pela câmera. Só para irritá-la – a avó tinha ido visitá-las naquele verão, em vez de ficar no lar para idosos em Scottsdale, que, na cabeça de Mac, era o seu lugar –, a menina começou a levar a Nikon para onde quer que fosse. Brincava com ela, fazia experimentos. Tirou fotos do quarto, dos próprios pés, das amigas. As imagens ficavam desfocadas e escuras, sem definição e descoloridas. Como não teve muito sucesso e pelo iminente divórcio da mãe e do padrasto, Mac acabou perdendo um pouco do interesse pela Nikon. Dessa forma, mesmo muitos anos mais tarde não sabia dizer o motivo de ter levado a câmera para a casa de Parker naquela bela tarde de verão em que brincaram de Casamento.

Todos os detalhes de um tradicional casamento no jardim tinham sido planejados. Emmaline, a noiva, e Laurel, que seria o noivo, trocariam seus votos sob o caramanchão coberto de rosas. Emma usaria o véu e a cauda de renda feitos pela mãe de Parker com uma toalha de mesa antiga, e Harold, o velho e amável golden retriever de Parker, levaria a noiva ao altar.

Um monte de Barbies, Kens e outros bonecos, além de muitos bichinhos de pelúcia, foram dispostos pelo caminho para se passarem por convidados.

– É uma cerimônia íntima – comunicou Parker um pouco atrapalhada com o véu de Emma. – Seguida de uma pequena recepção ali no pátio. Mas onde se meteu o padrinho?

Laurel, que tinha acabado de esfolar o joelho, apareceu por trás de três arbustos de hortênsias.

– Ele fugiu e subiu numa árvore atrás de um esquilo. Não consegui fazê-lo descer.

Parker revirou os olhos.

– Vou buscá-lo. Você não pode ver a noiva antes do casamento. Dá azar. Mac, ajude Emma a pôr o véu e leve o buquê para ela. Laurel e eu vamos tirar o Sr. Peixe da árvore.

– Eu preferia ir nadar – disse Mac, puxando distraída o véu de Emma.

– Podemos ir depois que eu me casar.

– É, podemos. Você não está cansada de se casar?

– Ah, não me importo. E tem um cheirinho tão bom aqui. Está tudo muito bonito.

Mac entregou a Emma o buquê de dentes-de-leão amarelos que tiveram permissão para arrancar.

– Você está linda.

Era a mais pura verdade. O cabelo escuro e brilhoso de Emma contrastava com a renda branca. Seus olhos, de um castanho profundo, reluziam, enquanto ela cheirava o ramo de dentes-de-leão. Estava bronzeada, com a pele dourada, pensou Mac, meio infeliz com seu próprio tom branco-leitoso.

Era a maldição dos ruivos, dizia a mãe, pois ela herdara do pai aquele cabelo cor de cenoura. Mac era alta para os seus 8 anos e magra como um palito, e ainda por cima usava aparelho nos dentes.

Achava que, do seu lado, Emmaline parecia uma princesa cigana.

Parker e Laurel voltaram, dando umas risadinhas, com o padrinho felino nos braços da dona.

– Todos em seus lugares. – Parker passou o gato para Laurel. – Mac, você precisa ir se vestir. Emma...

– Não quero ser dama de honra. – Mac olhava para o vestido rodado de Cinderela, dobrado no banco do jardim. – Esse negócio é quente e pinica. Por que o Sr. Peixe não pode ser a dama de honra e eu, o padrinho?

– Porque já tínhamos combinado. Todos ficam nervosos antes de um casamento. – Parker jogou para trás suas longas marias-chiquinhas castanhas e se pôs a examinar o vestido, procurando algum pedaço rasgado ou manchado. Com ar satisfeito, entregou-o a Mac. – Está tudo bem. Vai ser uma linda cerimônia, repleta de amor verdadeiro, e eles viverão felizes para sempre.

– Minha mãe diz que essa história de felizes para sempre é conversa fiada.

Houve um momento de silêncio após a afirmação de Mac. A palavra *divórcio*, embora não dita, pairou no ar.

– Não necessariamente. – Com os olhos cheios de compaixão, Parker se aproximou e fez um carinho no braço de Mac.

– Não quero pôr esse vestido. Não quero ser dama de honra. Eu...

– Ok. Tudo bem. Podemos fingir que temos uma dama de honra e talvez você possa tirar fotos.

Mac olhou para a câmera que nem se lembrava de ter pendurado no pescoço.

– Elas nunca ficam boas.

– Talvez fiquem desta vez. Vai ser divertido. Você pode ser a fotógrafa oficial do casamento.

– Tire uma foto minha com o Sr. Peixe – pediu Laurel, encostando a carinha do gato na dela. – Tire, Mac!

Sem o menor entusiasmo, Mac ergueu a câmera e apertou o botão.

– Devíamos ter pensado nisso antes! Você pode tirar fotos oficiais da noiva e do noivo e outras tantas durante a cerimônia. – Entretida com essa nova ideia, Parker pendurou a roupa de Cinderela no arbusto de hortênsias. – Vai ser legal, vai ser bem divertido. Você vai ter que entrar com a noiva e o Harold. Tente fazer umas fotos boas. Vou esperar e só depois ligo o som. Vamos lá!

Haveria cupcakes e limonada, Mac lembrava a si mesma. E depois iriam nadar e se divertir. Não importava que essa história de fotografia fosse uma bobagem nem que a avó estivesse certa e ela fosse nova demais para ter uma câmera.

Não importava que a mãe estivesse se divorciando de novo ou que o padrasto, um sujeito legal, já tivesse saído de casa.

E não importava que ser feliz para sempre fosse conversa fiada, porque, afinal, era tudo fingimento mesmo.

Mac tentou tirar fotos de Emma e do prestativo Harold, imaginando que, quando fosse buscar as revelações, veria aquelas imagens desfocadas e com manchas do seu polegar, como sempre acontecia.

Quando a música começou a tocar, sentiu-se mal por não ter se enfiado naquele vestido que pinicava para ser a dama de honra de Emma, só porque sua mãe e sua avó a tinham deixado de mau humor. Então, se esforçou o máximo que pôde para tirar uma bela foto de Harold caminhando com Emma pelo jardim.

Através das lentes tudo era diferente, pensou: o modo como podia focar o rosto de Emma, o jeito como o véu se moldava ao cabelo dela e a beleza dos raios de sol brilhando na renda.

Mac tirou mais fotos quando Parker pôs “Dearly Beloved” para tocar, no momento em que, diante do reverendo Whistledown, Emma e Laurel se deram as mãos e Harold se aninhou para dormir e roncar aos pés das meninas.

Ela percebeu como o cabelo de Laurel era sedoso, como o sol refletia nas pontas da cartola preta que ela usava para compor seu papel de noivo e também como os bigodes do Sr. Peixe mexiam sempre que ele bocejava.

Tudo isso estava diante de Mac, mas algo também aconteceu dentro dela. Suas três amigas estavam reunidas debaixo do caramanchão coberto de rosas brancas, formando um trio de meninas bonitas. Um instinto qualquer fez Mac mudar de lugar só um pouquinho, inclinando ligeiramente a câmera. Ela não sabia que aquilo era uma composição, só achou que, pelas lentes, ficava mais bonito assim.

Então, uma borboleta azul cruzou seu campo de visão e foi pousar no ramalhete de flores amarelas que Emma segurava. Ao mesmo tempo, os três rostos debaixo das rosas brancas revelaram uma expressão de surpresa e prazer.

Mac apertou o botão.

Dessa vez tinha *certeza* de que a imagem não ia ficar desfocada, escura, sem definição ou descolorida. Seu polegar não taparia a lente. Sabia exatamente como a foto ia ficar, sabia que a avó, no fim das contas, estava errada.

Ser feliz para sempre talvez fosse conversa fiada, mas ela sabia que queria tirar mais fotos de momentos que *fossem* felizes. Porque, assim, eles permaneceriam para sempre.

capítulo um

NO DIA 1º DE JANEIRO, MAC rolou na cama para desligar o despertador e acabou caindo de cara no chão de seu estúdio.

– Merda. Feliz ano-novo!

Ali, tonta e um pouco atordoada, se deu conta de que não tinha subido a escada para ir deitar – e que o alarme era do computador, programado para acordá-la ao meio-dia.

Levantou-se e cambaleou até a cozinha – e a cafeteira.

Por que as pessoas iriam querer se casar na véspera do ano-novo? Por que fazer um ritual formal desses num feriado dedicado a maratonas etílicas e provavelmente a sexo casual? E ainda arrastavam consigo a família e os amigos, sem falar dos fotógrafos.

É óbvio que, quando a recepção enfim terminou, às duas da madrugada, ela poderia ter ido dormir, como uma pessoa normal faria, em vez de descarregar a câmera para verificar as fotos do casamento de Bob Hines e Vicky Myers, gastando com isso mais umas três horas da sua noite.

Mas, puxa, havia tirado umas muito boas. Algumas incríveis.

Ou será que estavam todas péssimas e sua avaliação é que estava prejudicada por uma euforia pouco lúcida?

Não, as fotos eram boas mesmo.

Pôs três colheres de açúcar no café e o tomou de frente para a janela, vendo lá fora o jardim e o gramado da propriedade dos Browns cobertos de neve.

Tinham feito um bom trabalho naquele casamento, pensou. E talvez Bob e Vicky seguissem esse exemplo e fizessem a relação dar certo.

De toda forma, as lembranças daquele dia não se apagariam. Os momentos, significativos ou não, tinham sido apreendidos. Ela iria refiná-los, retocá-los e imprimi-los. Por meio das imagens, Bob e Vicky poderiam visitar esse dia na semana seguinte ou daqui a sessenta anos.

Isso era tão forte e doce quanto o seu café preto num dia frio de inverno.

Abriu um armário e pegou uma caixa de biscoitos. Ali de pé comeu um, repassando os compromissos do dia.

Às seis, o casamento de Rod Clay e Alison McFearson. O que significava que a noiva e suas acompanhantes chegariam por volta das três, e o noivo, com o seu séquito, às quatro. Isso lhe daria um tempinho, até as duas, quando fariam uma reunião prévia ao casamento na mansão.

Era tempo suficiente para tomar um banho, vestir-se, consultar suas anotações, conferir e reconferir seus equipamentos. Na última vez em que tinha dado uma olhada na previsão do tempo, anunciavam dia ensolarado, com temperatura acima de zero. Poderia fazer algumas fotos usando a luz natural e talvez convencesse Alison – se ela estivesse disposta – a tirar uma foto vestida de noiva, na varanda, com a neve ao fundo.

Pelo que Mac lembrava, a mãe de Alison – Dorothy (“mas pode me chamar de Dottie”) – era meio dominadora e exigente, mas Mac cuidaria dela. Se não conseguisse lidar com ela sozinha, sabia que Parker daria um jeito. Parker conseguia lidar com qualquer pessoa e qualquer situação.

Em apenas cinco anos de funcionamento, a energia e a determinação de Parker tinham transformado a Votos numa das empresas mais importantes do estado no ramo de casamentos e organização de eventos. Isso transformou a trágica morte de seus pais em esperança, e a bela casa vitoriana, com os seus fantásticos terrenos, num negócio próspero e sem precedentes.

E ela própria, pensou Mac, engolindo o último biscoito, era uma das razões desse sucesso.

Foi até o mezanino, onde ficavam a cama e o banheiro, mas parou diante de uma de suas fotos favoritas. A noiva, radiante e extasiada, tinha o rosto erguido, os braços esticados e as palmas das mãos voltadas para cima, sob uma chuva de pétalas de rosa cor-de-rosa.

Capa da revista *Today's Bride*. Porque sou simplesmente o máximo.

De meias, calça de flanela e moletom, subiu a escada para se transformar: a criatura cansada, de pijama, viciada em biscoito passaria a ser a sofisticada fotógrafa especializada em casamentos.

Ignorou a bagunça do quarto e a cama desfeita – para que arrumá-la se iria desarrumar de novo? A chuva quente, assim como a cafeína e o açúcar, ajudou-a a se livrar de qualquer vestígio de preguiça e ela pôde se concentrar no trabalho que tinha a fazer.

E o trabalho envolvia uma noiva que queria testar a sua criatividade, uma mãe de noiva difícil, que achava que sabia de tudo, e um noivo apai-

xonado, capaz de qualquer coisa para fazer a amada feliz. E os dois eram incrivelmente fotogênicos.

O último fato tornava o trabalho prazeroso e, ao mesmo tempo, desafiador. Como daria a seus clientes um registro fotográfico daquele dia especial que fosse sensacional e exclusivo?

As cores da noiva, pensou, revirando suas lembranças enquanto lavava o cabelo curto, ruivo, que usava propositadamente bagunçado. Prata e dourado. Elegante, glamourosa.

Já tinha dado uma olhada nas flores e no bolo – ambos seriam finalizados hoje –, nas lembrancinhas e nas toalhas das mesas, nas roupas e nos acessórios dos padrinhos, madrinhas e pais dos noivos. Tinha uma cópia da lista de músicas que a banda tocaria, em que haviam sido sublinhadas a primeira dança do casal e a dança dos pais.

Então, nas próximas horas seu mundo giraria em torno de Rod e Alison.

Escolheu a roupa, as joias e a maquiagem quase com o mesmo cuidado que tinha ao escolher o equipamento. Pronta, percorreu o caminho que levava da casa de apoio da piscina, onde ficava o estúdio e seu pequeno apartamento, até a mansão.

A neve cintilava, como uma infinidade de diamantes em pele de arminho, e o ar estava tão frio e claro quanto geleiras de montanha. Definitivamente teria que fazer umas fotos ao ar livre, com a luz do dia e ao anoitecer. Era um casamento de inverno, branco, com neve cobrindo o chão, gelo brilhando nas árvores, salgueiros desnudos gotejando no lago. E tinha também a magnífica casa vitoriana, com telhados em vários níveis, as janelas redondas e em arco, altas e largas, e um azul-claro contrastando com o céu invernal. Os terraços e os pórticos generosos anunciavam a época do ano com luzes e guirlandas.

Ao percorrer o caminho do qual a neve havia sido removida, estudou um pouco a casa, como sempre fazia. Adorava suas linhas, seus ângulos, com os sutis detalhes em amarelo-claro, o branco cremoso salpicado no suave e sutil azul.

Era seu lar tanto quanto a casa em que crescera. Ou até mais, reconhecia, já que a sua era comandada pelos caprichos da mãe. Os pais de Parker eram carinhosos, acolhedores, amorosos e – Mac via agora – equilibrados. Eles lhe deram um porto seguro para se abrigar da tempestade que havia sido a sua infância.

Sofreu tanto quanto a sua amiga quando eles morreram, sete anos atrás.

Agora a propriedade dos Browns era a sua casa. O seu trabalho. A sua vida. E isso era bom em todos os sentidos. O que poderia ser melhor do que fazer algo que se ama e ainda por cima com as melhores amigas de todos os tempos?

Entrou no vestibulo para pendurar o agasalho e foi dar uma volta para espiar os domínios de Laurel.

A amiga e sócia estava de pé sobre um banquinho, acrescentando cuidadosamente lírios prateados nos cinco andares do bolo de casamento. Cada flor nascia no meio de uma folha dourada de acanto, produzindo um efeito radiante e requintado.

– Está imbatível, Laurel.

Ela pôs mais um lírio com precisão cirúrgica. Seu cabelo dourado estava preso para trás, num coque meio bagunçado que, sabe-se lá como, combinava muito bem com o rosto triangular. Enquanto trabalhava, estreitava um pouco os olhos brilhantes, toda concentrada.

– Fiquei tão feliz por ela ter preferido o arranjo de lírios ao topo de bolo com um casal de noivos! Vai ficar bem mais bonito. Espere só até o levarmos para o salão e acrescentarmos o arranjo.

Mac pegou a câmera.

– Vai dar uma boa foto para o site. Posso?

– Claro. Consegui dormir um pouquinho?

– Só deitei lá pelas cinco, mas dormi até o meio-dia. E você?

– De duas e meia até as sete. Depois fui terminar o bolo, as sobremesas e... isto. Estou tão feliz por termos duas semanas livres até o próximo casamento! – Deu uma olhadinha em volta. – Não conte a Parker que falei isso.

– Imagino que ela já esteja acordada.

– Já veio aqui duas vezes. Provavelmente passou duas vezes por todos os lugares. Tive a impressão de ter ouvido Emma chegar. Agora devem estar lá em cima no escritório.

– Estou subindo. Você não vem?

– Daqui a dez minutos. Vou chegar a tempo.

– A tempo é tarde no mundo da Parker – disse Mac, sorrindo. – Vou tentar distraí-la.

– Diga a ela que não se pode apressar certas coisas. E que a mãe da noiva

vai receber tantos elogios por causa do bolo que vai até parar de encher a nossa paciência.

– Isso, sim, pode funcionar.

Mac saiu, mas antes deu uma passada no vestíbulo da entrada principal e no enorme salão onde aconteceria a cerimônia. Pelo que pôde ver, Emmaline e seus duendes já haviam começado a trabalhar, trocando a decoração do casamento da véspera pela do de hoje. Cada noiva tinha a sua própria visão e esta queria muitas fitas douradas e prateadas e guirlandas, ao contrário das transparências lilás e creme do casamento da véspera do ano-novo.

No salão, a lareira estava preparada para ser acesa pouco antes da chegada dos primeiros convidados. Forradas de branco, cadeiras enfileiradas reluziam com laços prateados. Emma já tinha decorado o console da lareira com velas douradas em castiçais prateados e com vasos de cristal repletos dos lírios brancos de que a noiva tanto gostava.

Mac deu uma volta no aposento, observando os ângulos, a iluminação, as composições – e fez mais anotações enquanto saía dali e subia a escada até o terceiro andar.

Como esperava, encontrou Parker na sala de reuniões, cercada pelo laptop, o BlackBerry, pastas, outro celular e um fone de ouvido. Seu longo e espesso cabelo castanho estava preso num rabo de cavalo sedoso e simples. O penteado combinava com seu terninho – de um discreto cinza-claro – e com as cores escolhidas pela noiva.

Parker não deixava passar nenhum detalhe.

Não chegou a erguer os olhos, mas fez um gesto circular com o dedo no ar sem interromper o que fazia no laptop. Como já conhecia aquele sinal, Mac foi até o balcão onde ficava a cafeteira e encheu duas canecas para elas. Depois sentou-se, pôs sua pasta na mesa e abriu o bloco de notas.

Parker se recostou e, sorrindo, pegou a caneca.

– Esse vai ser sensacional.

– Sem dúvida.

– As estradas estão sem neve, o tempo está bom. A noiva já se levantou, tomou café da manhã e foi fazer uma massagem. O noivo foi malhar e depois nadou. Os fornecedores estão sendo pontuais. Os padrinhos, os pais e as madrinhas virão se arrumar aqui. – Deu uma olhadinha no relógio. – Onde estão Emma e Laurel?

– Laurel está dando os toques finais no bolo, que está uma maravilha. Não vi Emma, mas ela já começou a decoração. Está ficando linda. Quero fazer umas fotos ao ar livre. Antes e depois.

– Não segure a noiva lá fora por muito tempo antes da cerimônia. Não queremos que ela fique de nariz vermelho e fungando.

– Você vai ter que manter a mãe dela longe de mim.

– Já percebi isso.

Emma entrou apressada, com uma Coca-Cola Zero numa das mãos e uma pasta na outra.

– Tink está de ressaca e não apareceu, então estou com menos um. Vamos ser rápidas, ok? – disse, atirando-se numa das cadeiras e fazendo balançar o cabelo preto encaracolado, na altura do ombro. – A suíte da noiva e o salão já estão prontos. O hall e a escada estão quase. Examinamos também os buquês e as flores que serão usadas nas roupas. Começamos no salão maior e no de baile. Preciso voltar para lá.

– E a daminha?

– Vai entrar com uma cesta de rosas brancas, com fitas prateadas e douradas. Estou com a coroa pronta para pôr na cabeça dela. É de rosas e cravos-de-amor. Ficou linda! Mac, preciso que você tire umas fotos dos arranjos se tiver algum tempo. Senão, eu mesma tiro.

– Pode deixar que eu cuido disso.

– Obrigada. A mãe da noiva...

– Estou cuidando disso – disse Parker.

– Preciso que... – Emma interrompeu o que dizia quando Laurel entrou.

– Não estou atrasada – anunciou ela.

– Tink não veio – disse Parker. – Emma precisa voltar logo.

– Posso substituí-la. Tenho que pôr um arranjo no centro do bolo e arrumar as sobremesas, mas estou livre agora.

– Vamos ver o cronograma.

– Esperem. – Emma ergueu a lata de refrigerante. – Antes, um brinde. Feliz ano-novo para nós: quatro mulheres fantásticas, estupendas e sexy. Melhores amigas para sempre.

– E também inteligentes e poderosas! – acrescentou Laurel, erguendo a sua garrafa d'água. – Às amigas e sócias.

– A nós. Amizade e cérebro em quatro partes – disse Mac –, e à Votos, essa empresa superbacana que conseguimos criar.

– E a 2009. – Parker ergueu a caneca de café. – As mulheres fantásticas, estupidas, sexy, inteligentes, poderosas e que são melhores amigas para sempre vão ter o melhor ano de suas vidas!

– Está certíssima. – concordou Mac, brindando também com sua caneca.
– Ao Casamento: antes, agora e sempre!

– Antes, agora e sempre – repetiu Parker. – Bem, vamos ao cronograma?

– Estou com a noiva desde que ela chegou – começou Mac. – Passo para o noivo quando ele chegar. Fotos descontraídas enquanto eles se vestem, e só depois as posadas. Retratos formais dentro e fora da casa. Vou fotografar o bolo e a decoração agora e montar o equipamento. Antes da cerimônia, tiro fotos de toda a família e dos convidados separadamente. Depois, só vou precisar de uns 45 minutos para fotografar a família, todos os convidados e os noivos.

– Os arranjos florais nas suítes dos noivos ficam prontos às três horas. No foyer, no salão, no corrimão da escada, no salão maior e no de baile, ficam prontos às cinco. – Parker virou-se para Emma.

– Estará tudo pronto.

– O cinegrafista chega às cinco e meia. Os convidados, por volta de cinco e meia, seis horas. Os músicos, um quarteto de cordas, começam a tocar às 17h40. A mãe do noivo, acompanhando o filho, entrará às 17h50. A mãe da noiva, acompanhada do outro genro, vem logo depois. O noivo e os padrinhos estarão prontos às seis. – Disse Parker, lendo o cronograma em voz alta. – A noiva, o pai e suas acompanhantes estarão prontos às seis. Descem a escada e formam o cortejo. A cerimônia deve durar 23 minutos, depois vêm a saída e os cumprimentos. Os convidados serão levados ao salão maior às 18h25.

– Abertura do bar – disse Laurel –, a música começa e o coquetel é servido.

– Das 18h20 às 19h10, sessão de fotos. Às 19h15, discurso da família, dos padrinhos e dos recém-casados.

– Jantar, brindes – prosseguiu Emma. – Está tudo certo, Parks.

– Quero ter certeza de que às 20h15 vamos ter passado ao salão de baile para a primeira dança – disse Parker. – A noiva quer muito que a avó esteja lá para a sua primeira dança e, depois da valsa dos pais, quer que o pai dance com a avó. Ela tem 90 anos e não deve aguentar ficar até tarde. Se conseguirmos cortar o bolo às nove e meia, talvez a avó ainda esteja na festa.

– Ela é um amorzinho – interrompeu Mac. – Tirei umas fotos lindas dela e da Alison no ensaio. Tomei nota para tirar mais algumas hoje. Sinceramente, acho que ela vai ficar até o fim da festa.

– Espero que sim. O bolo e os doces serão servidos durante o baile. A noiva vai jogar o buquê às 22h15.

– Isso também está nos planos – acrescentou Emma.

– O noivo vai jogar a liga, o baile continua. A última dança será às 22h50. Depois virão as bolhas de sabão e os noivos vão embora. O evento termina às onze. – Parker deu mais uma olhada no relógio de pulso. – Então mãos à obra. Emma e Laurel precisam se trocar. E lembrem-se dos fones de ouvido.

O telefone de Parker vibrou e ela olhou o visor.

– É a mãe da noiva. De novo. É a quarta ligação só nesta manhã.

– Divirta-se – disse Mac, escapando dali depressa.

Foi de aposento em aposento, tentando ficar longe de Emma e sua equipe, que enchiam a casa de flores, fitas e tecidos esvoaçantes. Tirou fotos do bolo de Laurel, dos arranjos de Emma e imaginou muitas outras.

Era um ritual que Mac nunca permitiria que virasse rotina. Sabia que, se isso acontecesse, perderia fotos e oportunidades, desperdiçaria ângulos e ideias. E toda vez que sentia estar perdendo a sensibilidade, pensava na borboleta azul pousando no buquê de dentes-de-leão.

O ar cheirava a rosas e lírios. Vozes e passos ecoavam. A luz penetrava pelas altas janelas formando belos feixes, que refletiam no dourado e no prateado das fitas.

– Fone de ouvido, Mac! – Parker desceu apressada a escada principal. – A noiva está chegando.

Enquanto Parker corria para receber a noiva, Mac foi lá para cima. No terraço da frente, ignorando o frio, viu a limusine branca chegando. Assim que o carro parou, ela conseguiu um bom ângulo e ficou preparada, esperando.

A dama de honra e a mãe da noiva saltaram.

– Por favor, só um pouquinho para o lado – murmurou.

Então Alison saiu do carro. Estava de jeans, botas, uma jaqueta de camurça meio surrada e um cachecol vermelho-vivo. Mac deu um zoom e ajustou o foco.

– Ei, Alison!

A noiva olhou para cima. Em seu rosto, a expressão de surpresa foi subs-

tituída por um ar divertido e, para a satisfação de Mac, ela ergueu os braços, inclinou a cabeça para trás e riu.

E esse, pensou Mac ao ver que tinha conseguido capturar o momento, era o início da jornada.

Dez minutos depois, a suíte da noiva – o antigo quarto de Parker – estava cheia de gente, uma verdadeira confusão. Dois cabeleireiros usavam seus apetrechos e seu talento, alisando, cacheando, penteando, enquanto os maquiadores se viam às voltas com cores e potes.

Os cheiros, os movimentos, os sons, tudo era bem feminino, pensou Mac, movendo-se pelo aposento, tentando não atrapalhar. A noiva era o centro das atenções e não parecia nervosa. Alison estava confiante, feliz e falava pelos cotovelos.

A mãe da noiva, no entanto, era outra história.

– Mas você tem um cabelo tão lindo! Não acha que deveria deixá-lo solto? Pelo menos uma parte. Talvez...

– Preso fica melhor com o véu. Relaxe, mãe.

– Está muito quente aqui. Acho que está muito quente. E Mandy devia tirar uma soneca. Ela vai dar problema, tenho certeza.

– Ela vai fazer tudo direitinho. – Alison voltou-se para a daminha.

– Eu realmente acho...

– Senhoras! – Parker apareceu com um carrinho de champanhe e uma bela bandeja de frutas e queijos. – Os homens já estão a caminho. Alison, o penteado está maravilhoso. – Serviu uma taça, que passou para a noiva.

– Acho que ela não deveria beber antes da cerimônia. Ela não comeu quase nada hoje e...

– Ah, Sra. McFearson, que bom que está pronta. Está fabulosa. Será que posso roubá-la por uns minutinhos? Adoraria lhe mostrar como ficou o salão antes da cerimônia. Queremos ter certeza de que está tudo perfeito, não é mesmo? Trago-a de volta daqui a pouquinho. – Parker entregou uma taça de champanhe à mãe da noiva e tirou-a dali.

– Ufa! – exclamou Alison, às gargalhadas.

Durante uma hora, Mac se dividiu entre a suíte da noiva e a do noivo, envolta em perfume e tule, abotoaduras e gravatas-borboletas. Voltou aos aposentos da noiva, desviou das madrinhas, que se arrumavam e ajudavam umas às outras a se vestir. Então viu Alison sozinha, em pé, em frente ao vestido de noiva.

Estava tudo ali, pensou Mac enquanto ajustava o foco com tranquilidade: a admiração, a alegria – e também um pouquinho de tristeza. Conseguiu captar o instante em que Alison passou os dedos pelos brilhantes do corpete.

Mac sabia que aquele era um momento decisivo, quando tudo o que uma mulher sentia ficava estampado em seu rosto.

Então o momento passou e Alison deu uma olhada à sua volta.

– Não esperava me sentir assim. Estou muito feliz. Sou tão apaixonada por Rod, estou pronta para me casar com ele... Mas sinto um pequeno aperto bem aqui. – Passou os dedos na altura do coração. – Deve ser nervoso.

– Tristeza. Só um pouquinho. Uma fase da sua vida termina hoje. Não tem problema você ficar triste por se despedir. Sei exatamente do que está precisando. Espere aqui.

Pouco depois, Mac voltou com a avó de Alison. E mais uma vez se afastou.

A juventude e a velhice, refletiu. Princípios e fins, vínculos e continuidade. E amor, é claro.

Captou o abraço, mas não era isso. Captou as lágrimas nos olhos, e nada ainda. Então, Alison baixou o rosto para beijar a avó e uma única lágrima lhe escorreu pelo rosto. Atrás delas, o vestido resplandecia.

Perfeito. A borboleta azul.

Tirou fotos casuais enquanto a noiva se vestia, depois fez algumas formais, com uma luz natural incrível. Como havia esperado, Alison não se recusou a enfrentar o frio do terraço.

Depois, ignorando a voz de Parker pelo fone de ouvido, Mac correu até a suíte do noivo para repetir o mesmo ritual com Rod.

Passou por Parker no corredor, voltando depressa para junto da noiva.

– Preciso do noivo e dos padrinhos lá embaixo, Mac. Estamos com dois minutos de atraso.

– Ai, meu Deus! – exclamou Mac, com um tom irônico de terror, e entrou na suíte da noiva.

– Os convidados já estão acomodados – anunciou Parker em seu ouvido um instante depois. – O noivo e os padrinhos já se posicionaram. Emma, reúna o cortejo da noiva.

– É para já.

Mac escapuliu e foi se postar no pé da escada enquanto Emma organizava as damas de honra.

- As acompanhantes da noiva estão prontas. Pode soltar a música.
- Pronto – disse Parker. – Podem começar a entrar.

A daminha ficaria bem mesmo sem ter tirado uma soneca, concluiu Mac ao ver a menina descer a escada meio que dançando. Parou como uma veterana ao sinal de Laurel e prosseguiu com um ritmo tranquilo, atravessando o hall com seu vestido de fada e entrando no salão principal até passar pelo corredor entre as cadeiras enfileiradas.

As madrinhas a seguiram, com um brilho prateado, e, atrás delas, a dama de honra vestindo dourado.

Mac se agachou para pegar um ângulo de baixo para cima, enquanto a noiva e o pai aguardavam de mãos dadas no alto da escada. Aos primeiros acordes da marcha nupcial, ele levou a mão da filha aos lábios e depois ao rosto.

No momento em que tirou a foto, Mac sentiu os olhos arderem.

Onde estaria seu pai?, perguntou-se. Na Jamaica? Na Suíça? No Egito?

Afastou aquele pensamento e a dor que ele trazia para se concentrar no trabalho.

Usando a luz das velas de Emma, captou alegria e lágrimas; lembranças. E manteve-se invisível, isolada.

capítulo dois

MAC TRABALHAVA À NOITE PORQUE seu dia era cheio de compromissos. E porque gostava – sozinha, no seu canto, no seu ritmo. As manhãs serviam para tomar café, sentir o primeiro e intenso impacto da bebida na circulação sanguínea, e muitas vezes também para encontrar clientes, fazer reuniões e sessões de fotos.

De noite, sozinha no estúdio, podia se concentrar inteiramente nas imagens, em selecioná-las, aperfeiçoá-las. Embora trabalhasse quase exclusivamente com câmera digital, mantinha um espírito de câmara escura na hora da criação. Acrescentava camadas, realces, sombras; removia manchas ou pontos luminosos demais para criar uma base para a foto definitiva. Para isso podia refinar determinadas áreas, alterar a densidade, aumentar o contraste. Passo a passo, ia dando forma à imagem, acentuando-a ou suavizando-a para

captar o clima, a fim de chegar a uma impressão que expressasse aquele momento no tempo, até *ela própria* sentir o que esperava que o cliente sentisse.

Depois, como fazia quase todas as manhãs, Mac sentou-se diante do computador para olhar as provas e ver se ainda concordava com o que tinha feito na noite anterior.

Debruçou-se sobre elas, de pijama de flanela e meias grossas. O cabelo, de um ruivo bem vivo, mais parecia uma floresta de espinhos e tufos. O silêncio era absoluto. Nos casamentos estava quase sempre cercada de pessoas, conversas e emoções, então ela bloqueava ou usava tudo isso para encontrar o ângulo, o tom e o momento exatos.

Ali, porém, estava sozinha com as imagens e podia torná-las perfeitas. Tomou o café, comeu uma maçã, para compensar os biscoitos da manhã anterior, e examinou centenas de imagens captadas na véspera, além das dezenas retocadas ao longo da noite.

Cumprimentou-se pelo trabalho bem-feito. Mas ainda podia melhorar, pensou, e quando atingisse o melhor possível para o cliente avaliar, repassaria tudo mais uma vez antes de marcar um encontro com os recém-casados para que vissem as provas e escolhessem as fotos do álbum.

Isso ficaria para outro dia. Para não se esquecer de nada, deu uma olhada na agenda antes de tomar uma chuveirada e se vestir para o primeiro compromisso do dia.

Para a sessão de fotos no estúdio, um jeans e um suéter bastariam, mas teria que se trocar para a reunião da tarde na mansão. Era política da Votos o uso de roupas formais nas reuniões com clientes.

Mac procurou entre as roupas do closet uma calça e uma camiseta pretas. Depois da sessão de fotos no estúdio, poderia jogar um blazer por cima da roupa e estaria pronta para a reunião. Mexeu um pouco nas suas bijuterias até encontrar algo que se adequasse ao seu estado de espírito, passou um pouco de maquiagem e deu por encerrada essa etapa.

Em sua opinião, o estúdio estava precisando de mais atenção que a fotógrafa.

Elizabeth e Charles, pensou, ao iniciar a montagem do cenário. Fotos de noivado. Lembrou que eles tinham sido bem claros na reunião prévia: era para ser formal, simples, direto ao ponto.

Não entendia por que não pediram a um amigo qualquer para tirar as

fotos com uma câmara automática. Sorrindo, lembrou-se de que quase dissera isso a eles, mas Parker parecia ter lido sua mente e lhe lançara um olhar de reprovação.

– O cliente tem sempre razão – disse a si mesma enquanto arrumava o pano de fundo. – Querem algo sem graça, terão algo sem graça.

Ergueu as luzes e posicionou o difusor – ao menos podia ser bonito. Foi buscar o tripé, pois sabia que os clientes esperavam ver equipamentos. Quando acabou de escolher as lentes, verificar as luzes e forrar o banco, os dois bateram à porta.

– Bem na hora. – Mac fechou a porta atrás deles, bloqueando a rajada de vento gelada. – Está congelante lá fora hoje. Não querem tirar os casacos?

Eram perfeitos, pensou. Barbie e Ken de classe alta. A loura elegante, com todos os fios de cabelo no lugar certo; o sujeito bonito, educado e contido.

Uma parte dela teve vontade de desarrumá-los só um pouquinho, para deixá-los mais humanos.

– Aceitam um cafezinho? – ofereceu.

– Ah, não, obrigada. – Elizabeth abriu um sorriso. – Queríamos muito começar logo. Estamos com a agenda apertada hoje. – Enquanto Mac pendurava os casacos, Elizabeth deu uma olhada em volta. – Esta era a casa que servia de apoio à piscina?

– Era, sim.

– É... interessante. Acho que eu esperava algo mais elaborado. Bom, que seja. – Ela foi olhar de perto algumas fotos emolduradas que decoravam o ambiente. – A prima do Charles se casou aqui em novembro. Foi maravilhoso. E ela elogia muito você e as suas sócias. Não é mesmo, Charles?

– É, sim. Foi por isso que escolhemos a sua empresa.

– A organizadora do casamento e eu vamos trabalhar juntas nos próximos meses. Há algum lugar onde eu possa me recompor antes de começarmos? – perguntou Elizabeth.

– Claro. – Mac a levou até o toalete do estúdio, perguntando-se o que ela queria retocar.

– Então, Charles. – Mac imaginava-se afrouxando o nó Windsor tão perfeito da gravata dele. – O que vão fazer hoje?

– Temos uma reunião com a organizadora e vamos resolver questões no cartório. Elizabeth vai se encontrar com dois estilistas que a sua sócia recomendou para fazer o vestido.

– Que emocionante!

Você parece muito animado, pensou. Como se estivesse prestes a ir à consulta semestral no dentista.

– São muitos detalhes. Imagino que devam estar acostumadas com isso.

– Cada casamento é como se fosse o primeiro que fazemos. Poderia ficar parado atrás desse banco? Assim ajeito as luzes e o foco enquanto Elizabeth acaba de se arrumar.

Obediente, ele se pôs onde ela pedira, duro como uma pedra.

– Relaxe – disse Mac. – Vai ser mais fácil e rápido do que você imagina, e talvez até divertido. De que tipo de música você gosta?

– Música?

– É, vamos pôr uma música. – Foi até o som e escolheu um CD. – Baladas da Natalie Cole. É romântico e clássico. Que tal?

– Pode ser.

Enquanto fingia ajustar a câmera, Mac o viu olhar disfarçadamente o relógio de pulso.

– Já decidiram para onde vão de lua de mel?

– Estamos inclinados a ir a Paris.

– Você fala francês?

Pela primeira vez ele deu um sorriso espontâneo.

– Nem uma palavra.

– Bom, vai ser uma aventura – disse ela enquanto Elizabeth voltava com a aparência tão perfeita quanto antes.

O terninho, provavelmente um Armani, tinha um caimento impecável. O índigo valorizava Elizabeth. Mac imaginou que ela havia escolhido o terno cinza para Charles a fim de que o dela se destacasse.

– Acho que devemos começar com você sentada e o Charles de pé, logo atrás. Só um pouquinho para a esquerda, Charles. E Elizabeth, se puder se virar para a janela, um pouco só. Incline-se na direção de Charles, deixe o corpo relaxado. Charles, ponha a mão no ombro esquerdo dela. Elizabeth, ponha a sua sobre a dele, assim mostramos esse espetacular anel de noivado.

Mac tirou algumas fotos só para eles superarem a fase dos sorrisos congelados.

Incline a cabeça.

Jogue o peso para o pé de trás.

Ajeite os ombros.

É tímido, percebeu Mac. Tem vergonha da câmera e também um pouco de vergonha das pessoas. Ela, por sua vez, é monumentalmente autoconfiante. Estava apavorada com a possibilidade de não parecer perfeita.

Mac tentou deixá-los à vontade, perguntando como se conheceram, como começaram a namorar – fizera aquelas mesmas perguntas quando se reuniram pela primeira vez. E ouviu as mesmas respostas agora.

Estava difícil quebrar o gelo.

Podia parar de tentar e lhes dar exatamente o que achavam que queriam. Mas não era disso que precisavam.

Deu um passo para trás, afastando-se da câmera. Ao fazer isso, os dois relaxaram e Elizabeth virou a cabeça e sorriu para Charles. Ele piscou para ela.

Vejam só, pensou Mac, são humanos afinal de contas!

– Tirei algumas fotos formais ótimas. Sei que era isso o que queriam, mas gostaria de pedir que fizessem algo por mim.

– Estamos mesmo com o horário apertado – começou Charles.

– Não vai levar nem cinco minutos. Pode se levantar, Elizabeth. Vou só tirar o banco daí. – Afastou o banco e tirou a câmera do tripé. – Que tal um abraço? Não em mim. Vocês dois.

– Não acho...

– Abraços são legalmente permitidos em Connecticut, mesmo para quem não é noivo. É só uma pequena experiência e poderão ir embora em dois minutos. – Pegou o fotômetro, verificou a luz e a ajustou. – Encoste o lado direito do rosto no peito dele, mas vire o rosto um pouco para mim – explicou Mac. – E olhe para cá. Charles, abaixe a cabeça e olhe para ela, mas deixe o queixo voltado na minha direção. Inspire fundo, depois expire tranquilamente. Está abraçado com a mulher que ama, não é? Aproveite. Olhem para mim, bem de frente, e pensem no que sentiram na primeira vez em que se beijaram.

Pronto!

Os sorrisos surgiram rapidamente, foram espontâneos. O dela, suave, talvez um pouco travesso; o dele, radiante.

– Só mais uma. – Tirou três antes de os dois voltarem a ficar rígidos. – Pronto. Terei várias provas para vocês escolherem por volta de...

– Podemos ver algumas agora? São digitais, não são? – pressionou Elizabeth. – Só para termos uma ideia rápida de como ficou.

– Claro.

Mac foi até o computador com a câmera e a conectou.

– Não estão tratadas, mas vocês podem ter uma noção.

– Isso mesmo. – Elizabeth franziu as sobrancelhas para a tela enquanto Mac começava a passar as fotos. – É, estão boas. Esta... esta aqui.

Mac parou em uma das formais.

– Esta?

– Era isso que eu tinha em mente. Ficou muito bom. Nós dois estamos bem e gostei do ângulo. Acho que pode ser ela.

– Vou marcá-la. Mas é bom ver as outras só para ter certeza. – Mac voltou a passar as fotos.

– É, ficaram muito boas mesmo. Muito boas. Acho que a que escolhi...

– Elizabeth parou de falar quando viu na tela a foto em que estavam abraçados. – Ah, esta ficou maravilhosa. Maravilhosa, não acha?

– Minha mãe vai gostar mais da primeira que você escolheu. – Atrás dela, Charles fez um carinho nos ombros da noiva.

– Vai mesmo. Você tem razão. Vamos revelar e emoldurar para ela. Mas... – Olhou para Mac e prosseguiu: – Você estava certa e eu, errada. É esta aqui que eu quero. É assim que quero estar em nossa foto de noivado. Em setembro, lembre-me de que falei isso quando eu tentar lhe ensinar como fazer o seu trabalho.

– Vou lembrar. Eu também estava errada. Acho que, no fim das contas, vai ser um prazer trabalhar com vocês.

Demorou um instante, mas enfim Elizabeth riu.

Mac mandou os dois para Parker, sentindo que a sócia lhe devia essa. Enviava-lhe clientes que – pelo menos por enquanto – estavam mais abertos a ideias e orientações do que antes.

Sentou-se para terminar uns pacotes que tinha que entregar a outros clientes. Um deles era um conjunto de provas, o outro, as fotos já escolhidas, tudo arrumado em álbuns. Para os noivos, para as mães dos noivos, além das fotos extras pedidas por diversos parentes e convidados.

Depois de embalar tudo, viu que só teria tempo para um almoço rápido – as sobras da salada de macarrão – antes de enviar as fotos e ir para a mansão.

Deu umas garfadas, apoiando o prato na pia mesmo. Uma terra de conto de fadas congelada, pensou, ao olhar pela janela. Tudo imóvel, perfeito. Pegou o copo de Coca Zero e tomou alguns goles.

Um cardeal se chocou contra a vidraça com um estrondo. Só deu para ver um borrão vermelho. Mac se assustou e entornou o refrigerante na blusa.

Com o coração na boca, viu aquele pássaro idiota se afastar, voando para longe. Então, olhou para a blusa.

– Droga!

Tirou-a e jogou-a em cima da máquina de lavar na área de serviço. De sutiã e calça preta, limpou o que havia entornado na pia. O telefone tocou e ela foi atender, irritada. Pelo identificador de chamadas viu que era Parker e atendeu com um “que foi?” mal-humorado.

– Patty Baker está aqui. Veio buscar os álbuns.

– Bem, ela chegou vinte minutos mais cedo. Estarei aí, e os álbuns também, na hora marcada. Tente distraí-la – acrescentou, andando pelo estúdio. – E não me encha. – Desligou e se virou.

Então, deu de cara com um homem.

Ele arregalou os olhos, envergonhado, e se virou, reprimindo um “Ai, meu Deus”. Saía como uma bala, quando bateu na parede, fazendo um barulhão.

– Ai! Você está bem? – Mac largou o telefone na mesa e correu para socorrê-lo.

– Sim, estou. Desculpe.

– Você está sangrando. Caramba, bateu a cabeça com força. É melhor se sentar.

– Talvez. – Ao dizer isso, foi deslizando pela parede até sentar no chão. Seus olhos estavam enevoados e um pouco embaçados.

Mac se agachou, afastou o cabelo castanho-escuro que cobria a testa dele e viu o machucado que sangrava e já havia inchado bastante.

– Ok, não é um corte grande. Escapou de levar uns pontos. Mas ficou com um belo galo. Cara, o barulho foi tão alto que parecia que você tinha batido na parede com um martelo. Talvez um pouco de gelo e depois...

– Me desculpe, mas... humm, não sei se percebeu... Será que você não deveria...

Mac viu os olhos dele baixarem e os acompanhou. Só então notou que, enquanto tentava ajudá-lo, seus seios, mal cobertos pelo sutiã, estavam muito próximos do rosto dele.

– Ops. Eu me esqueci disso. Sente aí. Não se mexa. – Levantou-se de um salto e se afastou.

Ele não sabia se seria capaz de se mexer. Estava desorientado. Ficou sentado onde estava, com as costas apoiadas na parede. Mas, mesmo com passarinhos de desenho animado voando em torno de sua cabeça, tinha que admitir que os seios dela eram bem bonitos. Não pudera deixar de notar.

Não sabia o que dizer ou fazer naquela situação. Então, ficar sentado ali, como ela tinha mandado, parecia a melhor opção.

Quando ela voltou com uma bolsa de gelo, estava usando uma camiseta. Provavelmente seria errado sentir uma pontinha de decepção. Ela se agachou de novo, dobrando aquelas pernas compridas, reparou ele, agora que os seios não estavam mais à mostra.

– Tome, experimente isto.

Ela pôs a bolsa de gelo na mão dele e a levou até a testa, que latejava. Seus olhos tinham um tom maravilhoso de verde, que lembrava o mar.

– Quem é você? – perguntou ela.

– O quê?

– Humm. Quantos dedos está vendo aqui? – indagou, levantando dois.

– Doze.

A moça sorriu e duas covinhas surgiram em seu rosto. O coração dele disparou.

– Não, não está, não. Vamos tentar outra coisa. O que está fazendo no meu estúdio? Ou, melhor, o que estava fazendo antes de se contundir por causa dos meus peitos?

– Ah! Eu tenho uma hora marcada. Aliás, a Sherry tem. Sherry Maguire. Ele viu que o sorriso dela se desfez um pouco e as covinhas desapareceram.

– Ok, está no lugar errado. Devia ter ido para a mansão. Sou Mackensie Elliot, a fotógrafa da empresa.

– Eu sei. Quero dizer, sei quem você é. Como sempre, Sherry não explicou direito aonde eu deveria ir.

– Nem a que horas, pois sua reunião é só às duas.

– Ela disse que achava que era à uma e meia, o que significa que vai chegar às duas. Eu deveria ter me guiado pelo Horário Sherry ou ligado pessoalmente para confirmar. Desculpe-me mais uma vez.

– Não tem problema. – Mac inclinou um pouco a cabeça. Os olhos dele, muito bonitos, estavam claros e focados agora. – Como me conhece?

– Fui colega de escola de Delaney Brown e de Parker. Bem, Parker estava duas séries atrás de nós. Como você.

Mac mudou de posição para observá-lo mais de perto. Tinha cabelos castanhos, cheios e despenteados, precisando de um corte. Os olhos eram azul-claros e tranquilos, emoldurados por uma floresta de cílios. O nariz era afilado; a boca, forte; e o rosto, magro.

Ela era boa fisionomista. Por que não o reconhecia?

– Acho que conheci quase todos os amigos do Del.

– Ah, é que não éramos exatamente amigos. Mas uma vez expliquei algumas coisas para ele, quando estávamos estudando *Henrique V*.

Aquilo a fez lembrar.

– Carter – falou, apontando para ele. – Carter Maguire. Você não vai se casar com a sua irmã, vai?

– O quê? Não! Estou aqui para substituir o Nick. Sherry não queria vir à reunião sozinha e ele teve uma emergência. Só estou... Na verdade, nem sei o que estou fazendo aqui.

– Sendo um bom irmão. – Mac deu um tapinha no joelho dele. – Acha que consegue se levantar?

– Claro.

Ela ficou de pé e estendeu a mão para ajudá-lo. Ele sentiu o coração disparar mais uma vez quando as mãos dos dois se tocaram. E, assim que se levantou, sentiu a cabeça latejar no mesmo ritmo.

– Ai! – exclamou ele.

– Deve estar doendo mesmo. Quer uma aspirina?

– Sim, pelo amor de Deus.

– Vou buscar. Enquanto isso, pode sentar em algum lugar que não seja o chão.

Quando Mac voltou para a cozinha, ele tentou seguir sua sugestão, mas as fotos nas paredes lhe chamaram a atenção. Algumas eram de revista, notou, e presumiu que fossem dela. Noivas bonitas, sofisticadas, sexy, sorridentes. Algumas coloridas, algumas em preto e branco – e outras ainda com aquele estranho e atraente efeito que deixa uma foto em preto e branco com um único ponto de cor intensa.

Ele se virou quando Mac voltou e teve a sensação de que o cabelo dela era exatamente assim – um ponto de cor intensa.

– Você fotografa mais alguma coisa?

– Sim. – Ela lhe deu três comprimidos e um copo d'água. – Mas as noivas são o ponto central e mais vendável para quem trabalha com casamentos.

– São lindas. Bem criativas e únicas. Mas essa é a melhor. – Ele se afastou um pouco e apontou para uma foto emoldurada que mostrava três garotinhas e uma borboleta azul pousada num dente-de-leão.

– Por quê?

– Porque é mágica.

Ela o encarou por um instante que pareceu durar uma eternidade.

– É exatamente isso. Bem, Carter Maguire, vou pegar meu casaco, depois vamos para a nossa reunião.

Tirou a bolsa de gelo derretido das mãos dele.

– Na mansão pegamos mais para você.

Fofo, pensou quando foi pegar o casaco e o cachecol. Muito, muito fofo. Já teria reparado nisso na época da escola? Talvez ele só tivesse se desenvolvido mais tarde. Mas se desenvolveu muito bem. O bastante para que ela sentisse uma pontinha de tristeza ao pensar que ele era o noivo.

Mas ele era o irmão da noiva, e isso mudava tudo.

Quer dizer, se estivesse interessada.

Vestiu o casaco, enrolou o cachecol no pescoço e depois, lembrando-se da rajada de vento mais cedo, pôs um gorro. Quando desceu, Carter estava pousando o copo d'água na pia, como um bom menino.

Mac pegou uma imensa bolsa que continha alguns álbuns e estendeu para ele.

– Vamos lá. Pode levar isto para mim? Está pesada.

– Claro. Está mesmo.

– Eu levo isso aqui. – Ela pegou outra bolsa menor. – Tenho uma noiva esperando para ver os álbuns prontos e outra esperando pelas provas. Na mansão, onde será a nossa reunião.

– Desculpe-me por ter entrado sem avisar. Eu bati, mas ninguém atendeu. Ouvi a música, então entrei e aí...

– O resto é história.

– É. Ah, não quer desligar o som?

– Claro. Já nem estava mais ouvindo.

Pegou o controle remoto, apertou o botão de desligar e o largou de novo. Antes que pudesse chegar à porta, ele se antecipou e a abriu para ela.

– Você ainda mora em Greenwich? – perguntou Mac, com a respiração cortada pelo choque do frio.

– Bem, eu diria que moro de novo, e não “ainda”. Morei em New Haven por uns tempos.

– Yale.

– É. Fiz pós-graduação e dei aula lá alguns anos.

– Em Yale.

– É.

Ela estreitou os olhos para ele enquanto caminhavam.

– É sério?

– É, sim. As pessoas dão aula em Yale, sabe? É recomendável, já que lá tem alunos.

– Então você é professor universitário?

– Sou professor universitário, só que agora dou aula aqui. Na Winterfield Academy.

– Você voltou para dar aula na sua escola. Que gracinha.

– Senti saudade de casa. E dar aula para adolescentes é interessante.

Ela achou que loucura seria uma palavra mais adequada, embora talvez isso até fosse interessante.

– Você dá aula de quê?

– Literatura inglesa e escrita criativa.

– *Henrique V.*

– Isso aí. A Sra. Brown me convidou algumas vezes para vir aqui já que ajudei Del com os estudos. Fiquei triste ao saber do acidente. Ela era uma mulher muito simpática.

– A melhor de todas. Podemos seguir por aqui. Está muito frio para dar a volta toda.

Ela o conduziu pelo vestíbulo até o interior aquecido da mansão.

– Pode deixar as suas coisas aqui. Ainda está cedo para a sua reunião. Vou lhe trazer um café enquanto espera. – Movendo-se depressa, ela tirou o casaco, o cachecol e o gorro. – Não temos nenhum evento hoje, então a cozinha principal está liberada.

Tornou a pegar as bolsas enquanto ele pendurava com cuidado seu casaco, ao contrário dela, que jogara suas coisas no cabide. Mac parecia vibrar de agitação, esperando que ele carregasse de novo a bolsa maior.

– Vamos arranjar um lugar para... – Mac se interrompeu ao ver Emma passando em direção à cozinha.

– Aí está você. Parker está prestes a começar... Carter?

– Oi, Emmaline, como vai?

– Bem, obrigada. Como é que você... ah, claro, a Sherry. Não sabia que vinha com ela.

– Veio, mas não veio. Ele mesmo vai explicar. Você pode providenciar um café e um pouco de gelo para a cabeça dele? Tenho que entregar isso a uma noiva.

Pegou a bolsa mais pesada com Carter e foi embora.

Emma franziu os lábios ao examinar o machucado.

– Ui! Como conseguiu isso?

– Dei de cara na parede. Não precisa pegar gelo, está tudo bem.

– Bem, venha, sente-se e tome um café. Eu só ia dar uma ajeitada na sala para a reunião.

Ela indicou o caminho, apontando um banco e um balcão comprido, cor de mel.

– Está aqui para dar apoio moral aos noivos?

– Vim substituir o noivo. Ele teve uma emergência.

Emma assentiu e pegou uma xícara e um pires.

– Isso é normal com médicos. E você é um irmão legal!

– Eu disse não de tudo quanto foi jeito, mas nada funcionou. Obrigado – falou quando Emma lhe serviu o café.

– Relaxe. Só precisará ficar sentado comendo uns biscoitinhos.

Ele pôs um pouco de creme no café.

– Pode registrar isso por escrito?

Ela riu e começou a arrumar os biscoitos numa bandeja.

– Confie em mim. Além disso, vai ganhar pontos como um bom irmão. Como vão os seus pais?

– Bem. Vi a sua mãe semana passada, na livraria.

– Ela adora aquele trabalho. – Emma lhe deu um biscoito. – Mac já deve estar quase acabando com a outra cliente. Vou levar isso lá para dentro e já volto.

– Será que se eu me escondesse aqui perderia o título de irmão legal?

– Perderia, sim. Já volto.

Ele e Emma se conheciam desde crianças, por causa de Sherry e da amizade entre seus pais. Era muito estranho pensar em Emma fazendo o buquê de noiva de sua irmã. E mais estranho ainda era sua irmãzinha precisar de um buquê de noiva.

De certa forma, era tão desconcertante quanto dar de cara numa parede.

Deu uma cutucada de leve na testa e se contraiu. Não tanto pela dor, que de fato sentira, mas porque todos iam perguntar o que havia acontecido. Seria obrigado a explicar repetidas vezes a sua falta de jeito – e em todas elas teria flashbacks de Mackensie Elliot com aquele sutiã minúsculo e uma calça comprida preta de cintura baixa.

Comeu um biscoito e tentou decidir se aquilo era bom ou ruim.

Emma voltou para buscar outra bandeja.

– Podemos ir agora. Tenho certeza de que Sherry vai chegar a qualquer momento.

– Porque ela já está dez minutos atrasada. – Ele pegou a bandeja da mão dela. – Está no Horário Sherry.

A casa continuava praticamente do jeito que ele lembrava. As paredes tinham sido pintadas com um suave e tênue dourado, ao passo que, em sua lembrança, eram de um tom de verde elegante e discreto. Mas as largas e ornamentadas sancas estavam tão brilhantes, o espaço, tão generoso e os móveis, tão radiantes quanto ele recordava.

Obras de arte, antiguidades e flores em antigos e magníficos vasos de cristal denotavam riqueza e classe. Ainda assim, pelo que lembrava, a sensação que se tinha ali era a de se estar num lar, e não numa mansão.

Tinha um cheiro feminino no ar, uma mistura floral e cítrica.

As mulheres estavam sentadas conversando no agradável salão com tetos ornamentados, onde uma lareira crepitava como um enorme coração e a luminosidade do inverno se infiltrava pelas três janelas em arco. Ele estava acostumado a se ver cercado de mulheres, já que tinha duas irmãs, sendo ele o filho do meio.

Então, achou que poderia sobreviver à próxima hora.

Parker se levantou com um salto. Era só sorrisos e delicadeza ao cruzar o aposento para cumprimentá-lo.

– Carter! Há quanto tempo!

Ela lhe deu um beijo no rosto e, segurando sua mão, conduziu-o para perto da lareira.

– Você se lembra da Laurel?

– Hum...

– Éramos todos crianças. – Delicada e naturalmente, Parker o empurrou

para uma cadeira. – Emma disse que você voltou para dar aula em Winterfield. Não foi estranho voltar como professor?

– No início, sim. Ficava esperando alguém passar o dever de casa, depois me lembrava de que era eu quem tinha que fazer isso. Desculpem-me por Sherry. Ela tem um fuso horário próprio, normalmente atrasado. Eu posso ligar...

A campainha o interrompeu, trazendo-lhe um grande alívio.

– Vou atender. – Emma se levantou e se encaminhou para a porta.

– Como está a cabeça? – perguntou Mac, voltando-se para ele, com uma caneca de café aninhada entre as duas mãos.

– Está bem. Não foi nada.

– O que aconteceu? – indagou Parker.

– Só bati com a cabeça. Sempre faço esse tipo de coisa.

– É mesmo? – Mac deu um sorrisinho irônico com o rosto voltado para a caneca.

– Desculpem-me! Desculpem-me! – Sherry entrou como um furacão: colorida, cheia de energia, gesticulando muito e dando risadinhas. – *Nunca* chego na hora. Odeio isso. Carter, você é o máximo... – A expressão alegre e corada deu lugar a um ar de preocupação. – O que aconteceu com a sua cabeça?

– Fui assaltado. Eram três caras, mas consegui me livrar deles.

– O quê? Ai, meu Deus, você...

– Eu bati com a cabeça, Sherry. Foi só isso.

– Ah! – Mais calma e aliviada, ela se sentou no braço da cadeira do irmão. – Ele sempre faz isso.

Carter se levantou e fez a irmã se sentar na cadeira. Depois, tentou achar um lugar em que pudesse se acomodar e ser esquecido. Emma se aproximou mais de Laurel no sofá e deu um tapinha no lugar vago ao seu lado.

– Sente-se aqui, Carter. E então, Sherry, está empolgada?

– Demais! Nick ia vir, mas teve uma cirurgia de emergência. Isso faz parte do pacote quando nos casamos com um médico. Mas acredito que Carter possa contribuir com uma visão masculina, não é? Além disso, ele me conhece e conhece Nick.

Esticou o braço para pegar a mão de Parker e deu uma dançadinha para mostrar sua felicidade.

– Dá para acreditar nisso? Vocês lembram que brincávamos de Casamento quando éramos crianças? Eu brinquei algumas vezes com vocês. Acho até que me casei com a Laurel.

– E disseram que o casamento não ia durar – disparou Laurel, provocando mais uma vez a risada fácil e contagiante de Sherry.

– E aqui estamos. Exatamente aqui. E vou me casar!

– A sem-vergonha me trocou por um médico. – Laurel balançou a cabeça e tomou um gole de água gelada com uma fatia de limão.

– Ele é *incrível*. Esperem até conhecê-lo. Ai, meu Deus! Vou me casar!

– Ela levou as mãos às faces ao dizer isso. – E nem sei por onde começar. Sou tão desorganizada! Todo mundo fica dizendo que eu deveria pensar nisso ou reservar aquilo. Fiquei noiva há poucos meses e já sinto que estou andando em círculos.

– É para isso que estamos aqui – assegurou-lhe Parker, pegando um grosso caderno de anotações. – Por que não começa nos dizendo que tipo de casamento vai querer? Tente descrever o que tem em mente com apenas três ou quatro palavras.

– Humm... – Sherry lançou um olhar de súplica para o irmão.

– Não olhe para mim. O que eu sei sobre isso?

– Você me conhece. Diga o que *ocê acha* que eu quero.

Droga, pensou ele.

– Só comer biscoitinhos – resmungou Carter e, virando-se para a irmã: – Diversão.

– *Isso!* – Ela apontou para ele. – Não quero dar a impressão de que a ocasião não é importante e solene, mas quero me divertir. Quero uma festa enorme, alegre e divertida. Também quero que Nick perca a fala durante uns cinco minutos quando me vir entrando. Quero *matá-lo*. E que todos os convidados se lembrem desse dia como o *melhor!* Já fui a casamentos bem bonitos, mas, meu Deus, foram tão chatos... Entendem?

– Perfeitamente. Você quer deixar Nick extasiado e depois quer comemorar. Uma celebração que reflita quem você é, quem ele é e como são felizes juntos.

Sherry sorriu para Parker.

– É isso mesmo.

– Está marcado para outubro. Tem ideia do número de convidados?

– Queremos que sejam no máximo duzentos.

– Ok. – Parker fez umas anotações. – Ao ar livre, como tinha dito. Um casamento no jardim.

Enquanto Parker discutia alguns possíveis detalhes com Sherry, Mac observava. *Animada* era a primeira palavra que lhe ocorria para descrever a noiva. Agitada, alegre, bonita. Cabelos louros, olhos azuis como um céu de verão, curvilínea, casual. Algumas fotos e a estratégia dependeriam do vestido, das cores escolhidas, mas o resto todo se concentrava em quem estaria *usando* o vestido de noiva.

Captou alguns detalhes. Seis madrinhas. As cores seriam tons de rosa – *candy* e pastel. E, quando Sherry mostrou a Parker uma foto do vestido, Mac pediu para ver também. Deu uma avaliada e sorriu.

– Aposto que ficou lindo em você. É perfeito.

– Gostou mesmo? Achei perfeito e o comprei em menos de dois minutos, depois...

– Não, às vezes o primeiro impulso é o correto. Esse é um desses casos.

– O vestido tinha uma saia rodada, branca e cintilante, um corpete tomara que caia e uma cauda reluzente que parecia um rio. – Uma princesa sexy.

– Como conseguiu a atenção de Sherry, decidiu tratar de seus assuntos: – Você vai querer um retrato de noivado?

– Ah... bem, eu quero, mas não gosto dessas fotos formais que vemos tanto por aí. Sabe, o cara atrás da moça, ambos sorrindo para a câmera. Não quero lhe dizer como fazer o seu trabalho nem nada.

– Tudo bem. Meu trabalho é fazer você feliz. Por que não me diz o que você e Nick gostam de fazer?

Sherry lhe deu um sorrisinho malicioso, e Mac riu e viu Carter corar de novo.

Muito fofo.

– E além disso?

– Gostamos de comer pipoca e assistir a filmes bem ruins em DVD. Ele está tentando me ensinar a esquiar, mas os Maguires são geneticamente estabados. Carter é o maior de todos, mas não fico muito atrás dele. Gostamos de sair com os amigos, esse tipo de coisa. Ele é cirurgião, então seu tempo livre é precioso. Não planejamos muito as coisas. Acho que somos mais do tipo espontâneo.

– Entendo. Se quiser, posso ir até vocês. Em casa as fotos ficam mais casuais e espontâneas que no estúdio.

– Sério? Gostei dessa ideia. Pode ser logo?

Mac pegou o palmtop e verificou a agenda.

– Tenho algumas brechas nesta semana e na próxima estarei livre. Por que não vê com Nick e me passa algumas opções de datas e horários bons para vocês? Vamos dar um jeito.

– Que maravilha!

– Quer dar uma olhadinha nas fotos do portfólio de casamento?

– Vi algumas pelo site, como Parker sugeriu. E também as fotos das flores, dos bolos e de todo o resto. Vou querer tudo.

– Então vamos dar uma olhada nos pacotes? – sugeriu Parker. – Para saber qual é o mais adequado a vocês. Sempre podemos fazer ajustes para atendê-los.

– É para isso que preciso do Carter. Nick disse que eu podia fazer o que quisesse, mas isso não *ajuda* muito.

Que droga, pensou Carter mais uma vez.

– Sherry, não entendo nada desse tipo de coisa. Eu só...

– É assustador ter que decidir tudo sozinha. – Sherry lançou para o irmão aquele olhar arregalado e indefeso que funcionava com ele desde que ela tinha 2 anos. – Não quero errar.

– Você não precisa decidir agora. – Parker mantinha um tom tranquilo.

– E, mesmo que decida, pode mudar de ideia depois, não tem o menor problema. Você vai ter reuniões com cada uma de nós individualmente. Isso ajudará. Por ora podemos apenas deixar a data agendada e mais tarde você assina o contrato.

– Eu gostaria muito de assinar hoje para tirar esse item da minha lista de pendências. São tantas... Só quero uma opinião, Carter, nada mais.

– Por que não dá uma olhada nas opções? – Sorrindo, Parker estendeu para ele um folheto aberto na parte dos pacotes. – Sherry, já se decidiu entre uma banda ou um DJ?

– DJ. Achamos que assim vai ficar mais descontraído, e podemos trabalhar com ele na escolha das músicas. Você conhece algum bom?

– Conheço. – De outra pasta, Parker puxou um cartão de visitas. – Ele trabalhou em vários eventos aqui e acho que é bem o que estão querendo. Dê uma ligada para ele. Cinegrafista?

No sofá, Carter tinha posto os óculos de leitura e franzia a testa para a lista de pacotes.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia

04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br